



Prefeitura Municipal de Taubaté
Secretaria de Educação

**ESCOLA SEM MUROS:
EM CASA TAMBÉM SE APRENDE**

LÍNGUA PORTUGUESA

**-ENSINO MÉDIO-
(1º AO 3º ANO)**

“Todo o conhecimento humano começou com intuições, passou daí aos conceitos e terminou com ideias.”

[Immanuel Kant](#)

Caro aluno (a),

Elaboramos carinhosamente este material para que você possa aprender em casa, além de aprofundar seus conhecimentos sobre temas relativos à nossa língua.

As atividades estão organizadas por anos. Encontre o seu e vamos lá!



Vamos aprofundar os conhecimentos sobre o gênero textual “**Conto**”, em especial o “**Conto de humor**”?

Bem como o próprio nome já diz, os contos de humor tem a finalidade de provocar humor ou o riso no leitor, mas pode também fazer uma crítica a uma determinada situação, de forma bem-humorada. Vamos relembrar alguns **recursos** utilizados neste gênero para que produza o riso:

- ✓ Quebra de expectativa, ou seja, quando acontece algo inesperado, surpreendente;
 - ✓ Exagero nas situações;
 - ✓ Jogos de palavras (trocadilhos) ou uso de palavras de duplo sentido;
 - ✓ Mensagens subentendidas.
 - ✓ Uso de certo grau de informalidade na linguagem.
- Agora, leia um conto de humor de Luis Fernando Veríssimo.

E POR FALAR EM LADRÃO DE GALINHAS...

Pegaram o cara em flagrante roubando galinhas de um galinheiro e levaram para a delegacia.
__Que vida mansa, heim, vagabundo ? Roubando galinha para ter o que comer sem precisar trabalhar. Vai para cadeia!

__Não era para mim não. Era para vender.

__Pior. Venda de artigo roubado. Concorrência desleal com o comércio estabelecido. Sem-vergonha!

__Mas eu vendia mais caro.

__Mais caro?

__Espalhei o boato que as galinhas do galinheiro eram bichadas e as minhas não. E que as do galinheiro botavam ovos brancos enquanto as minhas botavam ovos marrons.

__Mas eram as mesmas galinhas, safado.

__Os ovos das minhas eu pintava.

__Que grande pilantra...

Mas já havia um certo respeito no tom do delegado.

__Ainda bem que tu vai preso. Se o dono do galinheiro te pega...

__Já me pegou. Fiz um acerto com ele. Me comprometi a não espalhar mais boato sobre as galinhas dele, e ele se comprometeu a aumentar os preços dos produtos dele para ficarem iguais aos meus. Convidamos outros donos de galinheiro a entrar no nosso esquema. Formamos um oligopólio.

Ou, no caso, um ovigopólio.

__E o que você faz com o lucro do seu negócio?

__Esppeculo com dólar. Invisto alguma coisa no tráfico de drogas. Comprei alguns deputados.

Dois ou três ministros. Consegui exclusividade no suprimento de galinhas e ovos para programas de alimentação do governo e superfaturar os preços.

O delegado mandou pedir um cafezinho para o preso e perguntou se a cadeira estava confortável, se ele não queria uma almofada. Depois perguntou:

__Doutor, não me leve a mal, mas com tudo isso, o senhor não está milionário?

__Trilionário. Sem contar o que eu sonogo de Imposto de Renda e o que tenho depositado ilegalmente no exterior.

__E, com tudo isso, o senhor continua roubando galinhas?

__Às vezes. Sabe como é.

__Não sei não, excelência. Me explique.

__É que, em todas essas minhas atividades, eu sinto falta de uma coisa.

Do risco, entende? Daquela sensação de perigo, de estar fazendo uma coisa proibida, da iminência do castigo. Só roubando galinhas eu me sinto realmente um ladrão, e isso é excitante. Como agora. Fui preso, finalmente. Vou para a cadeia. É uma experiência nova.

__O que e isso, excelência? O senhor não vai ser preso não.

__Mas fui pego em flagrante pulando a cerca do galinheiro!

__Sim. Mas primário, e com esses antecedentes...

ATIVIDADE

Após a leitura, responda as seguintes questões:

- A. Em que época você acha que este conto foi escrito? Que elementos do texto te levam a esta conclusão?
- B. O final do texto surpreende? Por quê?
- C. Dos recursos de humor elencados no início do material, quais você observa presentes neste conto?
- D. É possível observar uma crítica a um determinado grupo social no conto? Se sim, explique.

- Para saber mais sobre o conto, se possível, assista:
✓ <https://www.youtube.com/watch?v=GkcV-SOmaYk>
-

Vamos aprender um pouco sobre mais sobre o gênero textual “crônica”?

Pra começar, vamos lembrar algumas informações sobre este gênero:

- ✓ É um gênero textual **narrativo**, que circula em jornais, revistas e pela internet.
 - ✓ Seus temas, em geral, são ligados à **vida cotidiana urbana**.
 - ✓ Em geral, os assuntos abordados em textos desse tipo são voltados ao cotidiano das cidades.
 - ✓ É um **retrato verbal particular** dos acontecimentos urbanos, os bons cronistas são aqueles que conseguem perceber, no dia a dia de suas vidas, impressões, ideias ou visões da realidade que não foram percebidas por todos.
 - ✓ Embora não seja uma regra, as crônicas costumam tratar de assuntos mais leves e de um modo humorístico.
- Agora, leia uma crônica de Machado de Assis:

O NASCIMENTO DA CRÔNICA

Há um meio certo de começar a crônica por uma trivialidade. É dizer: Que calor! Que desenfreado calor! Diz-se isto, agitando as pontas do lenço, bufando como um touro, ou simplesmente sacudindo a sobrecasaca. Resvala-se do calor aos fenômenos atmosféricos, fazem-se algumas conjecturas acerca do sol e da lua, outras sobre a febre amarela, manda-se um suspiro a Petrópolis, e *La glace est rompue*; está começada a crônica.

Mas, leitor amigo, esse meio é mais velho ainda do que as crônicas, que apenas datam de Esdras. Antes de Esdras, antes de Moisés, antes de Abraão, Isaque e Jacó, antes mesmo de Noé, houve calor e crônicas. No paraíso é provável, é certo que o calor era mediano, e não é prova do contrário o fato de Adão andar nu. Adão andava nu por duas razões, uma capital e outra provincial. A primeira é que não havia alfaiates, não havia sequer casimiras; a segunda é que, ainda havendo-os, Adão andava baldo ao naipe. Digo que esta razão é provincial, porque as nossas províncias estão nas circunstâncias do primeiro homem.

Quando a fatal curiosidade de Eva fez-lhes perder o paraíso, cessou, com essa degradação, a vantagem de uma temperatura igual e agradável. Nasceu o calor e o inverno; vieram as neves, os tufões, as secas, todo o cortejo de males, distribuídos pelos doze meses do ano.

Não posso dizer positivamente em que ano nasceu a crônica; mas há toda a probabilidade de crer que foi coletânea das primeiras duas vizinhas. Essas vizinhas, entre o jantar e a merenda, sentaram-se à porta, para debicar os sucessos do dia. Provavelmente começaram a lastimar-se do calor. Uma dizia que não pudera comer ao jantar, outra que tinha a camisa mais ensopando que as ervas que comera. Passar das ervas às plantações do morador fronteiro, e logo às tropelias amatórias do dito morador, e ao resto, era a coisa mais fácil, natural e possível do mundo. Eis a origem da crônica.

Que eu, sabedor ou conjecturador de tão alta prosápia, queira repetir o meio de que lançaram mãos as duas avós do cronista, é realmente cometer uma trivialidade; e contudo, leitor, seria difícil falar desta quinzena sem dar à canícula o lugar de honra que lhe compete. Seria; mas eu dispensarei esse meio quase tão velho como o mundo, para somente dizer que a verdade

mais incontestável que achei debaixo do sol é que ninguém se deve queixar, porque cada pessoa é sempre mais feliz do que outra.

Não afirmo sem prova.

Fui há dias a um cemitério, a um enterro, logo de manhã, num dia ardente como todos os diabos e suas respectivas habitações. Em volta de mim ouvia o estribilho geral: que calor! Que sol! É de rachar passarinho! É de fazer um homem doido!

Íamos em carros! Apeamo-nos à porta do cemitério e caminhamos um longo pedaço. O sol das onze horas batia de chapa em todos nós; mas sem tirarmos os chapéus, abríamos os de sol e seguíamos a suar até o lugar onde devia verificar-se o enterramento. Naquele lugar esbarramos com seis ou oito homens ocupados em abrir covas: estavam de cabeça descoberta, a erguer e fazer cair a enxada. Nós enterramos o morto, voltamos nos carros, e daí às nossas casas ou repartições. E eles? Lá os achamos, lá os deixamos, ao sol, de cabeça descoberta, a trabalhar com a enxada. Se o sol nos fazia mal, que não faria àqueles pobres-diabos, durante todas as horas quentes do dia?

O texto acima foi publicado no livro “Crônicas Escolhidas”, Editora Ática – São Paulo, 1994, pág. 13, e extraído do livro “As Cem Melhores Crônicas Brasileiras”, Editora Objetiva – Rio de Janeiro, 2007, pág. 27, organização e introdução de Joaquim Ferreira dos Santos.

ATIVIDADE

Após a leitura da crônica, responda as seguintes questões:

- A. De acordo com o texto, qual o meio certo para se começar uma crônica? Esta afirmação exemplifica uma característica da crônica. Qual? Explique.
- B. Como o autor explica o nascimento da crônica? Você considera esta explicação real? Explique.
- C. De que forma o autor prova a sua afirmação de que “uma pessoa é sempre mais feliz que a outra”?
- D. Pela linguagem da crônica, quando você acha que ela foi escrita? Exemplifique.

- Para saber mais sobre a crônica, se puder, assista:
✓ <https://www.youtube.com/watch?v=2XcMASxk4oM>
-

Um dos gêneros textuais que você deve ter estudado no 1º bimestre foi o “Conto psicológico”. Vamos exercitar os conhecimentos sobre ele? Pra começar, vamos lembrar algumas de suas características:

- ✓ É uma narrativa cujo fato principal sempre está relacionado às lembranças e sentimentos das personagens, o que acarreta a predominância do tempo psicológico, que flui de acordo com as emoções.
 - ✓ A apresentação do enredo pode não seguir a ordem natural dos acontecimentos, já que o tempo das emoções não é linear; o espaço físico também é marcado do ponto de vista de como são sentidas as experiências.
 - ✓ O foco está na investigação do mundo interior das personagens, em uma tentativa de mostrar os impulsos e anseios comuns a todos os seres humanos.
 - ✓ O estado de espírito da personagem possibilita que o passado, presente e futuro se entrelacem livremente nos textos, é predominante o relato de lembranças, reflexões e sentimentos.
- Agora, leia um trecho de um conto psicológico, de Clarice Lispector, intitulado “**Feliz aniversário**”.

A família foi pouco a pouco chegando. Os que vieram de Olaria estavam muito bem vestidos porque a visita significava ao mesmo tempo um passeio a Copacabana. A nora de Olaria apareceu de azul-marinho, com enfeite de paetês e um drapejado disfarçando a barriga sem cinta. O marido não veio por razões óbvias: não queria ver os irmãos. Mas mandara sua mulher para que nem todos os laços fossem cortados — e esta vinha com o seu melhor vestido para mostrar que não precisava de nenhum deles, acompanhada dos três filhos: duas meninas já de peito nascendo, infantilizadas em babados cor-de-rosa e anáguas engomadas, e o menino acovardado pelo terno novo e pela gravata.

Tendo Zilda — a filha com quem a aniversariante morava — disposto cadeiras unidas ao longo das paredes, como numa festa em que se vai dançar, a nora de Olaria, depois de cumprimentar com cara fechada aos de casa, aboletou-se numa das cadeiras e emudeceu, a boca em bico, mantendo sua posição de ultrajada. “Vim para não deixar de vir”, dissera ela a Zilda, e em seguida sentara-se ofendida. As duas mocinhas de cor-de-rosa e o menino, amarelos e de cabelo penteado, não sabiam bem que atitude tomar e ficaram de pé ao lado da mãe, impressionados com seu vestido azul-marinho e com os paetês.

Depois veio a nora de Ipanema com dois netos e a babá. O marido viria depois. E como Zilda — a única mulher entre os seis irmãos homens e a única que, estava decidido já havia anos, tinha espaço e tempo para alojar a aniversariante —, e como Zilda estava na cozinha a ultimar com a empregada os croquetes e sanduíches, ficaram: a nora de Olaria empertigada com seus filhos de coração inquieto ao lado; a nora de Ipanema na fila oposta das cadeiras fingindo ocupar-se com o bebê para não encarar a concunhada de Olaria; a babá ociosa e uniformizada, com a boca aberta.

E à cabeceira da mesa grande a aniversariante, que fazia hoje oitenta e nove anos.

Zilda, a dona da casa, arrumara a mesa cedo, enchera-a de guardanapos de papel colorido e copos de papelão alusivos à data, espalhara balões sugados pelo teto, em alguns dos quais estava escrito “Happy Birthday!”, em outros, “Feliz Aniversário!”. No centro havia disposto o enorme bolo açucarado. Para adiantar o expediente, enfeitara a mesa logo depois do almoço, encostara as cadeiras à parede, mandara os meninos brincar no vizinho para que não desarrumassem a mesa. E, para adiantar o expediente, vestira a aniversariante logo depois do almoço.(...)

ATIVIDADE

- A partir da leitura do trecho, responda:
 - A. Qual fato é abordado no trecho?
 - B. Quais personagens são apresentados?
 - C. Transcreva trechos que caracterizam o ambiente.
 - D. Na caracterização dos personagens, copie trechos que ressaltam ressentimentos, conflitos mal resolvidos nas relações familiares, julgamentos e reflexões do narrador.

- Para saber mais sobre o conto psicológico, se possível, assista:
<https://www.youtube.com/watch?v=T66GlePaq8Y>
-

**POR ENQUANTO É SÓ, ESPERAMOS QUE ESTE MATERIAL
AJUDE VOCÊ A APRENDER TAMBÉM EM CASA!**

ATÉ A PRÓXIMA SEMANA!

ABRAÇOS!!